

d

QUETZAL. Ave trepadora da América Central, que morre quando privada de liberdade; raiz e origem de Quetzalcoatl (serpente emplumada com penas de quetzal), divindade dos Toltecas, cuja alma, segundo reza a lenda, teria subido ao céu sob a forma de Estrela da Manhã.



O distante perde distância quando se vai lá. Os lugares mais longínquos são aqueles onde nunca se esteve. Quando já se foi a um lugar, mesmo que seja preciso atravessar o planeta, fica a saber-se que é possível fazer esse caminho. Deixa de pertencer ao desconhecido sem detalhes, ganha formas imprevistas. Há vida lá como há vida aqui.

José Luís Peixoto

# O Caminho Imperfeito

*Título:* O Caminho Imperfeito

*Autor:* José Luís Peixoto

*Revisão:* Carlos Pinheiro

*Design da capa:* Rui Rodrigues · Quetzal Editores

*Fotografia da capa:* José Luís Peixoto

*Ilustrações:* Hugo Makarov

*Pré-impressão:* Fotocompográfica

*Execução gráfica:* Bloco Gráfico, Unidade Industrial da Maia

© 2017 José Luís Peixoto e Quetzal Editores

[Todos os direitos para a publicação desta obra em Língua Portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

Quetzal Editores

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa PORTUGAL

quetzal@quetzaleditores.pt

Tel. 21 7626000

As fotografias reproduzidas nas páginas 8, 14 e 20 são da autoria de José Luís Peixoto e publicam-se aqui pela primeira vez.

Este livro não pode ser comercializado.





1

NUMA DAS CAIXAS DE PLÁSTICO, estava a cabeça de um bebé. Noutra caixa, estava o pé direito de uma criança, cortado em três partes. Havia ainda duas caixas com pedaços de pele tatuada e, na última, estava um coração humano.

As cinco caixas de plástico foram embaladas em três pacotes, deixados nos correios do Centro Comercial MBK, junto à Siam Square, e endereçados a três moradas de Las Vegas — Eugene Johnson, 3070 W Post Road; R. Jene, 2697 Ruthe Duarte Avenue; e Ryan Edward McPherson, 2913 Bernardo Lane.

Essas encomendas foram despachadas como «brinquedos para crianças», mas não chegaram a sair de Bangucoque.

2

OS OLHOS DO PÁSSARO eram dois pontos cravados no negro absoluto — como se existisse uma noite enorme

por detrás deles, como se aqueles pequenos pontos fossem a única comunicação entre este mundo e essa noite infinita.

No interior da gaiola, o pássaro não tinha para onde fugir do medo — todos os seus instintos estavam contrariados, a sua experiência não lhe dava garantias do que ia acontecer.

Eu segurava a gaiola com as duas mãos, era de madeira leve. O seu peso continha o próprio pássaro — gramas de pânico. À volta, tudo era muito mais pesado — os blocos de pedra do templo Wat Traimit, muros de pedra, degraus de pedra que chegavam lá a cima, ao altar do Buda de Ouro, *Phra Maha Suwan Phuttha Patimakon*, a maior estátua de ouro maciço do mundo, cinco toneladas e meia.

Até o ar era pesado — espesso, húmido, quente como sopa, como *tom yam* picante, erva-príncipe —, até o céu era pesado.

O fumo do incenso subia ao céu, misturava-se com ele, tingia-o. Banguete inteira subia ao céu — avenidas cheias de trânsito, milhões de vozes. O templo Wat Traimit fica na Chinatown, no centro de um labirinto. A única saída, parecia-me, era o céu.

Abri a porta da gaiola. O pássaro encolheu-se durante alguns instantes, com medo do firmamento, conhecendo o seu tamanho melhor do que eu. E, de repente, saiu disparado. Não deu tempo ao Makarov de tirar a fotografia.

A meu pedido, o Makarov estava de máquina preparada para registar o instante em que eu soltasse o pássaro — libertador vaidoso de pássaros —, mas esse segundo passou demasiado depressa. Apenas conseguimos levantar o pescoço e vê-lo desaparecer.

No budismo tailandês, a ideia de *karma* deu origem à ideia de fazer mérito. A ideia de fazer mérito deu origem à libertação de pássaros. A libertação de pássaros gera positividade que, mais tarde, regressará ao seu autor.

A lógica é deturpada quando se sabe que, antes, esses pássaros eram livres. Foram capturados e presos apenas com o propósito de serem vendidos — cem *bahts* — e soltos.

Mas, naquele momento, eu não pensava nisso.

### 3

AINDA SOU CAPAZ DE SENTIR O CHEIRO da loja do senhor Heliodoro. Subia o degrau e dava um passo no seu interior — artigos para toda a família, empilhados no chão, arrumados em prateleiras, suspensos do teto por cordéis, expostos em vitrinas de vidro que o senhor Heliodoro abria com uma chave. A loja cheirava à mistura de muitas peças novas, às suas cores — rolos de tecido que media com um metro de madeira, baldes, vassouras, esfregões de palha-de-aço, brinquedos no Natal, tubos de cola, tesouras, calçadeiras, atacadores, formas de bolos. A pouco e pouco, as mulheres compravam o enxoval das filhas na loja do senhor Heliodoro.

Eu tinha menos de doze anos — a idade do meu filho mais novo —, chegava com algumas moedas, talvez com uma nota de vinte escudos, subia o degrau e dava um passo no seu interior.

O senhor Heliodoro sabia que era guardião de um vasto tesouro. Acertava os óculos na cara e, desinteressado, contava os trocos que eu pousava no balcão. Esse era

dinheiro que tinha guardado de visitas a casa da minha madrinha, que ela selecionava com solenidade do porta-moedas.

Demorava a escolher uma gaiola — testava as molas da porta, comparava as cores. Poucos dias depois, aquelas grades de plástico estariam ocupadas por um grilo apanhado nos campos à volta da carpintaria do meu pai, ao longo da estrada do campo da bola.

Em tardes enormes de primavera ou verão, demorava-me a observar esses animais — as antenas, a cabeça redonda, brilhante, e o relevo das asas, esculpido com padrões. Dava-lhes folhas de alface e limpava-lhes a gaiola onde, um dia, apareciam mortos.

#### 4

O CORAÇÃO TINHA A MARCA DE UMA FACADA. O pé tinha sido cortado horizontalmente em três partes. A cabeça do bebé tinha os olhos fechados, como se o tivessem contrariado antes de adormecer. Num dos quadrados de pele estavam tatuados símbolos mágicos e budistas — chamados *sak yant* —, no outro estava um tigre.

Não foi possível identificar a quem pertenceram os restos humanos encontrados nas caixas, estavam submersos em formalina há demasiado tempo. O jornal *The Nation*, de 17 de novembro de 2014, segunda-feira, referia que, com muita probabilidade, foram roubados do museu médico do Hospital Siriraj, em Bangucoque — o maior e mais antigo hospital do país.

A polícia afirmou que a cabeça, o pé, o coração e os retângulos de pele tatuada foram comprados no mercado

Khlong Thom. Por seu lado, os suspeitos declararam que, quando encontraram aqueles pedaços de corpo humano, estavam a passear de tuk-tuk num lugar que esqueceram; então, por brincadeira, decidiram enviá-los para amigos nos Estados Unidos, só para assustá-los.

Quando tinham vinte e poucos anos, os dois suspeitos criaram, produziram e realizaram os vídeos *Bumfights*. Ryan Edward McPherson e Daniel Tanner tornaram-se conhecidos na internet por terem filmado, na Califórnia e em Las Vegas, uma série de quatro filmes com pessoas sem-abrigo. Em troca de dinheiro, álcool ou comida, esses sem-abrigo lutam entre si ou fazem acrobacias que, invariavelmente, acabam mal.

Ruffus Hannah e Donnie Brennan eram sem-abrigo, alcoólicos e amigos. Protagonizaram algumas das cenas mais conhecidas dos quatro filmes da série *Bumfights*. Durante as filmagens, Hannah bateu em Brennan com tanta violência que este partiu uma perna em dois pontos e precisou de intervenção cirúrgica. Hannah, por sua vez, sofre de epilepsia devido à sua prestação nestes vídeos, que incluiu atirar-se por escadarias num carro de supermercado ou, repetidamente, lançar-se de cabeça contra paredes e portas de metal. Também foram pagos para fazer tatuagens. Hannah tatuou a palavra «Bumfights» nos dedos, Brennan tatuou-a na testa. Em média, os homens receberam dez dólares por cada uma dessas «façanhas».

Outras cenas dos filmes, com outros protagonistas, incluíam viciados a apanharem pedras de *crack* em lugares de difícil acesso, perigosos, ou a incendiarem os próprios cabelos, ou a arrancarem os próprios dentes.



Em 2003, surgiu um pouco habitual gangue de jovens brancos, de famílias da classe média, chamado 311 Boyz que, influenciados por esses vídeos, começaram a perseguir os sem-abrigo de Las Vegas e a filmá-los. Esse gangue chegou a ter cerca de cento e quarenta membros.

Após um processo em tribunal, os produtores de *Bumfights* foram condenados a pagar a Hannah e a Brennan uma quantia em dinheiro. Esse valor nunca foi tornado público, mas supõe-se que tenha sido considerável, uma vez que os vídeos proporcionaram muitos milhões de dólares em vendas.

Na Tailândia, o interrogatório foi sempre acompanhado por um representante da embaixada dos Estados Unidos. Os dois suspeitos foram colocados em liberdade, com a garantia de que regressariam para mais averiguações na semana seguinte.

No momento em que escrevo, o seu paradeiro é desconhecido.

## 5

*FARANG* É A PALAVRA QUE OS TAILANDESES USAM para se referir aos estrangeiros ocidentais brancos.

Há mais de quatrocentos anos, mercadores portugueses levaram as primeiras goiabas para a Tailândia. Entre muitas outras hipóteses, essa é uma das origens prováveis de chamar-se *farang* aos estrangeiros brancos. Em tailandês, goiaba diz-se *farang*.

Às vezes, entre sons, é possível distinguir as sílabas de *farang*. Acompanhada por prefixos, sufixos ou outras

palavras, é usada também como parte dos nomes de produtos que chegaram pelas mãos dos estrangeiros brancos — batata diz-se *man farang*; pastilha diz-se *mak farang*; coentro diz-se *phak chi farang*.

Aos turistas ocidentais brancos de baixos recursos — sandálias e mochila —, os tailandeses chamam *farang khi nok*, que significa literalmente *farang-cocó-de-pássaro*.

## 6

OS TURISTAS ESTAVAM CORTADOS AO MEIO — geometria de pernas articuladas —, as suas vozes chegavam lá de fora. Eram vozes enrouquecidas pela espessura daquele azul — perdiam ainda mais o sentido que, lá, junto às bocas, também não tinham. Eu sabia que as palavras dos turistas eram apenas um ruído de sílabas, não possuíam significado.

Mas a minha respiração cobria todos os sons — era o motor da fábrica que produz o mundo. Eu inspirava e expirava, segurava o bocal do tubo com os dentes, sentia essa borracha colada às gengivas.

Debaixo da superfície vítrea que cortava turistas ao meio — pernas alongadas por barbatanas amarelas, fatos de banho garridos, coletes salva-vidas incandescentes —, a água era atravessada por poalhas lentas. Eu pairava através desses pontos brilhantes, desordenava-os com os meus movimentos.

O casco do barco era um planeta. Os peixes eram trânsito. Agrupados por cores ou independentes, tinham

lugar para onde ir, seguiam por caminhos que só eles conheciam. Eu deslizava sobre algas e corais, como se sobrevoasse uma cidade. O sol queimava-me a pele, o sol confortava-a.

Senti um toque no ombro. Era o Makarov.

Agora, não recorro exatamente o que queria. Apenas lembro um cardume branco de bolhas de ar a envolvê-lo, uma certa urgência e os seus olhos a tentarem falar.

7

ESTENDÍAMOS AS TOALHAS DE PRAIA sobre a carroçaria de uma camioneta acidentada. Era sol de julho — recebíamos-lo com todo o corpo.

Num dos lados, o pátio enorme — pilhas desordenadas de troncos, uma colina de serradura mais alta do que o telhado da carpintaria, montes de ripas imperfeitas e restos de madeira, o chão coberto por cascas de pinheiro. No outro lado, a horta estendida na distância — árvores carregadas de fruta, retângulos verdes, rama à altura da cintura, dos joelhos, rente ao chão —, o cheiro da terra.

Deitados nas toalhas, talvez tivéssemos os olhos fechados — o sol a forçar luz através das pálpebras —, ou talvez assistíssemos ao céu — o sem-fim atravessado por uma réstia de nuvem, de véu ou de espectro, por pombos exatos, por brisas cheias de vagar.

O piso da carroçaria era feito de madeira mole, desgastado por todo o tipo de carregos, remendado com tábuas escuras ou claras. Eu admirava-me com as conversas dos filhos do sócio do meu pai e dos amigos

deles — todos mais velhos do que eu —, mas nunca demonstrava espanto.

Recordo o tamanho dessas tardes.

Sobre o muro do tanque, de repente, eu dava um salto no ar. Lembro esse instante antes de cair na água, ainda seco, parado debaixo do sol de julho — teria nove ou dez anos. Sei que o tanque era pouco fundo.

A água ficava boa quando começava a esverdear. No início do verão, em vários fins de tarde, não se repunha a água das regas — deixava-se correr à farta pelos sulcos —; depois, quando o tanque já estava quase vazio, esfregavam-se os limos das paredes e, durante uma noite, deixava-se a torneira aberta. Essa água cristalina era gelada. Só ficava de boa temperatura quando começava a esverdear.

Se tinha fome, ia descalço pela terra e escolhia um pêsego maduro da árvore. O sumo escorria-me pelos braços, pingava-me pelos cotovelos — limpava a boca às mãos e mergulhava. Aprendi a nadar nesse tanque de rega.

Eu nadava com os olhos abertos debaixo de água.

Depois, deitava-me na toalha de praia, na carroçaria da camioneta acidentada, com a água esverdeada a secar-me no corpo, sob o mês de julho, sob os sons avulsos do campo e o uivo desesperado das máquinas que, ao longe, serravam madeira.

DE MADRUGADA, QUANDO COMEÇAVA A NASCER O PERFUME nos arranjos florais, o autocarro passou por vários hotéis de Krabi a recolher aquele grupo de desconhecidos.

O italiano falava inglês. Ainda todos se estavam a habituar à velocidade do barco, ao som dos motores, à própria deslocação, e já o italiano estava agarrado ao toldo — empoleirado num lugar que não nos seria permitido, numa posição que não seríamos capazes de manter.

Tinha as piadas decoradas — as pausas, os tons com que pronunciava certas frases. Os turistas eram bem-comportados, escutavam as informações de segurança com seriedade e riam-se das piadas. Podiam levantar-se para tirar fotografias? Podiam, mas com muito cuidado.

Havia o mar. Os turistas demoraram cinco minutos a cansar-se de tirar fotografias a essa cor. Então, o barco transformou-se numa sala de espera.

Cobertos pelo toldo, estávamos sentados em quadrado, uns virados para os outros. Todos evitavam cruzar olhares. Os motores do barco não permitiam conversas.

Eu não tinha relógio. Depois de longos pensamentos e horizonte, começámos a aproximarmo-nos de uma ilha — um enorme rochedo no meio do mar. As escarpas eram abruptas, estavam ali desde o princípio dos tempos, moldadas por séculos indelicados, cobertas por vegetação corajosa — raízes cravadas na pedra, verde que combinava bem com o azul-turquesa. Devagar, o barco entrou por um caminho estreito e — espanto — ficámos rodeados de ilha. Era aí que íamos mergulhar.

O piloto tailandês encontrou um espaço entre as dezenas de barcos — brancos e rápidos, como o nosso; ou mais tradicionais, de madeira; ou com vários pisos e centenas de turistas.

O italiano começou a explicar como usar as barbatanas, os coletes salva-vidas, os óculos, os tubos de respiração. Exemplificou e testou detalhadamente o uso desses objetos em duas espanholas que viajavam sozinhas.



As mulheres da família indiana de várias gerações não tiraram os saris e ficaram no barco, a falarem ao longe para os homens e as crianças. Os casais inseparáveis entraram na água ao mesmo tempo.

As barbatanas eram amarelas.

Quando regressámos ao barco, o italiano obrigou-nos a todos — um a um — a dizermos que tínhamos gostado.

Não sei quanto tempo demorámos a chegar à praia das ilhas Phi Phi — baía Ton Sai —, como disse, não tinha relógio. O Makarov e eu ficámos sentados na areia a olhar para as multidões que entravam na água entre fileiras de barcos atracados.

No regresso, os turistas tinham o penteado desfeito, as camisolas enxovalhadas. Quase todos os olhares se dirigiam para os riscos brancos dos motores na água. Então, de repente, houve um instante em que o céu e o mar mudaram de cor.

As gotas de chuva eram grossas e frias. O barco parecia tentar fugir à tempestade, mas sem sorte. A chuva vinha de todos os lados, o toldo era inútil. Os turistas, desgraçados, tapavam a cabeça e as costas com toalhas. Os casais inseparáveis agarravam-se uns aos outros — náufragos do apocalipse.

Eu punha bastante empenho em diferenciar-me dos turistas e, por isso, estava muito divertido. Acreditava que tinha uma missão mais elevada. Estava ali para escrever um livro — este livro —, não por mero lazer. Eu estava divertido porque não estava ali para me divertir, como eles.

ERA UM ANIMAL NEGRO, com uns cornos enormes. Reparei no primeiro cartaz, mas só pensei nele quando passámos pelo segundo. Também nesse caso, a fotografia do animal estava rodeada de texto — extensos encadeamentos de caracteres tailandeses.

Na berma daquela estrada dos arredores de Chiang Mai, e até onde a vista alcançava, os campos eram férteis de verde — arbustos com folhas de várias idades, ervas, superfícies de plantações compactas, rodeadas por nenhuma cerca.

E passámos pelo terceiro cartaz — esse bicho parecia assustado, um olho mais aberto do que o outro, meio assustado. Como nos primeiros, também a imagem era demasiado crua, caseira, recortada com uma tesoura.

No banco da frente, Sudarat parecia descansar na monotonia daquele silêncio. Eu via-lhe os olhos refletidos no espelho retrovisor — as sobrancelhas arranjadas. Perguntei-lhe o que significavam os cartazes. Ela não percebeu logo. Quais cartazes? Aqueles que tinham bois negros, possantes, de grandes cornos arcados.

Não eram bois, eram búfalos, eram búfalos-d'água.

Tratava-se de campanhas para fazer mérito, para acumular créditos de *karma*. Os cartazes anunciavam coletas públicas de dinheiro para comprar búfalos e poupar-lhes a vida.

Regressámos ao silêncio.

Isso significa que há pessoas que ficam a tomar conta desses búfalos até que eles morram de velhos? — queria ter a certeza.

Sim, há — respondeu Sudarat.

NA LISTA DE PAÍSES QUE MAIS VISITARAM A TAILÂNDIA em 2016, os primeiros *farangs* surgem em sétimo lugar — os russos, 1 089 992. Há seis nacionalidades asiáticas antes deles. Os chineses foram os estrangeiros que mais visitaram o país nesse ano — 8 757 466 chineses.

Em 2016, a Tailândia recebeu 32 588 303 turistas estrangeiros — trinta e dois milhões, quinhentos e oitenta e oito mil, trezentos e três.

EU ESTAVA SENTADO NUM BANCO de plástico na *soi* 20 da Silom Road. Multidões esfregavam-se nas minhas costas — mulheres carregadas com sacos, crianças de uniforme, homens a empurrarem carros de mão. Àquela hora ainda se transpirava. A noite espreitava-nos por cima dos fios elétricos que ziguezagueavam no céu da *soi*, esforçando-se por cobri-la com a luz anémica de lâmpadas aleatórias e quase fundidas.

E tudo fazia barulho — os caixotes de fruta, as cores, as mulheres rodeadas por molhos de verdura, as mulheres a estenderem a mão para receberem uma nota velha com a imagem do rei, os cães a farejarem sombras.

Do outro lado da Silom Road há um templo hindu — Sri Mariamman. Entre mim e o templo havia o trânsito parado da Silom Road — duas faixas para cada lado. Mesmo assim, os cânticos dos altifalantes atravessavam essa distância e cobriam todos os pontos onde restasse algum sossego.

No entanto — é difícil explicar —, todas as pessoas que estavam na *soi* 20 — eu incluído — atravessavam esse barulho — não as incomodava, porque faziam parte dele.

Em Banguetcoque, as grandes avenidas, como é o caso da Silom Road, são cruzadas por vias perpendiculares, chamadas «*soi*», e que são numeradas. Na pequena *soi* 20 da Silom Road, entre muita oferta, fica o primeiro lugar onde comi quando fui à Tailândia pela primeira vez.

Não sei se é o melhor, não sou capaz de compará-lo com outros. Tinha chegado num voo matinal de Macau e, por acaso, estava hospedado a menos de um quarteirão. Saí à procura de qualquer lugar e encontrei aquele — indistinto de milhares.

Quando estou em Banguetcoque, gosto de ir lá pelo menos uma vez. Reconheço o rapaz que serve às três mesas, a avó pesada que faz as contas e recebe o dinheiro. Eles não me reconhecem a mim.

O Makarov aceitou as minhas sugestões. O rapaz trouxe a *tom kha kai*, a salada de papaia verde, o *gaeng daeng* e o arroz branco, cozido no vapor. A mesa de ferro, a luz mínima, o rugido da cidade e os aromas de cada um daqueles pratos — o coco do *tom kha kai*, o jasmim do arroz. Enquanto o Makarov tirava algum *gaeng daeng* — caril vermelho — para o seu pequeno prato, eu servi alguma sopa *tom kha kai* para a minha tigela.

Então, em silêncio, levei uma colher à boca. Tinha o sabor de uma felicidade simples, antiga, vinda de um tempo subitamente verdadeiro. Levei outra colher à boca. Era uma felicidade que emanava de uma origem ilimitada. Era uma alegria sem esforço.